

Letras e esporte**Leda Maria da Costa¹****UNIABEU**

RESUMO: Este artigo tem como objetivo realizar um breve percurso pelas pesquisas sobre esporte realizadas no âmbito acadêmico de Letras, especialmente os estudos literários. Demonstrar-se-á que foi justamente em Letras que, na década de 1960, realizaram-se estudos pioneiros sobre o esporte, temática que seria posteriormente abordada em outras áreas, sobretudo, História e Antropologia. Contemporaneamente Letras tem voltado a ser espaço de produção de conhecimento acerca dos esporte, destacando-se nesse sentido um dos mais importantes teóricos da literatura Hans Ulrich Gumbrecht. Além desse breve percurso, o artigo busca lançar possíveis contribuições futuras do campo de Letras para as pesquisas em torno do tema esporte.

Palavras-chave: Esporte; Letras; Literatura

Letters and sports

ABSTRACT: This article has as objective to provide a brief history of the research on sports carried through in the academic scope of Letters, especially the literary studies. It will be demonstrated that it was exactly in Letters that, in the decade of 1960, fulfilled pioneering studies on sports were accomplished; thematic that would be later boarded in other areas, above all, in History and Anthropology. Contemporarily, Letters have come back to be space of production of knowledge concerning the sport, being distinguished in this aspect one of the most important theoreticians of literature Hans Ulrich Gumbrecht. Beyond this brief trajectory, the article tries to launch possible future contributions of the field of Letters for the research on sports.

Keywords: Sports; Letters; Literature

Introdução

¹ Possui Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008), onde defendeu a tese "A trajetória da queda. As narrativas da derrota e os principais vilões da seleção em Copas do Mundo". É pesquisadora vinculada ao NEPESS ((Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Esporte - UFF) e editora-chefe da *Revista Esporte e Sociedade* (www.esportesociedade.com). É integrante do grupo de pesquisas Sport. Laboratório de História do esporte e do lazer, do Programa de História Comparada do IFCS. É Bolsista do programa Proape (Programa de Apoio à Pesquisa e à extensão (PROAPE), financiado pela Uniabeu (Centro Universitário), onde leciona e desenvolve o projeto sobre o papel de Mário Filho na reformulação do discurso da imprensa esportiva, nas décadas de 1920 e 1930. Suas principais publicações são relacionadas à temática referente à relação entre os esportes e a imprensa esportiva, destacando-se o artigo "Beauty, Effort and Talent. A Brief History of Women's Soccer in Brazil through the Press Discourse" que será publicado na edição *Football in Brazil*. In: Curi, Martin. *Soccer and Society*. London: Routledge, 2010. E-mail: ledamonte@hotmail.com

A área de Letras, no Brasil, abrange basicamente os estudos relativos aos fenômenos da língua e da literatura.² Embora tais enfoques possuam metodologias diferentes entre si, todos compartilham o texto escrito como um objeto privilegiado de estudo e investigação. O texto escrito, por sua vez, sobretudo após a disseminação do livro impresso, provocou uma quase exclusão do corpo das formas comunicativas (Gumbrecht, 1998, 121). Não sem motivos Letras e esporte aparentemente pertencem a domínios opostos. A imagem do homem das letras sempre esteve associada aos ambientes privados, como as bibliotecas, cenário cercado de livros no meio dos quais resplandece a figura de alguém que silenciosamente lê e escreve. Esse indivíduo intelectualizado representou uma tipologia prestigiada no Brasil e foi encarnada, sobretudo, pelo bacharel com anel no dedo, capaz de provocar frisson com suas demonstrações de domínio verbal e erudição. Aparentar-se como um homem companheiro dos livros, principalmente os de origem francesa, era sinal de pertencimento àquela tão cobiçada “aristocracia do espírito” ao qual Sérgio Buarque fez referência em seu clássico *Raízes do Brasil*.

Esse sujeito de aspecto sério e circunspecto que servia de modelo à juventude vai perdendo prestígio com a gradativa introdução das práticas esportivas no cotidiano da cidade. As atividades físicas foram responsáveis pela “valorização de um novo tipo físico (...) de uma nova imagem corporal” (Mello, 2001, 49) que contrastava, sobretudo, com a figura do homem das letras, cujo corpo franzino dificilmente era exposto aos olhos alheios, mas ao contrário se escondia embaixo de pesadas roupas. O praticante de esportes era capaz de capitalizar a atenção sem a necessidade de nenhuma habilidade com as letras, mas bastando sua presença para despertar os olhos, sobretudo das mocinhas de plantão. Em *Dom Casmurro*, essa questão se evidencia no personagem Escobar cujos músculos e a coragem de enfrentar o mar bravio da Glória provocavam o ciúme de Bentinho: “É preciso nadar bem, como eu, e ter estes pulmões, disse ele batendo no peito, e estes braços; apalpa” (1997, 190). É desse modo que Escobar descreve a si mesmo para o amigo Bentinho que imediatamente alimenta suspeitas a respeito do efeito desse perfil sobre Capitu. Escobar destoa da galeria de personagens masculinos de Machado, obcecados em se tornarem bacharéis de Direito, com pleno domínio de táticas oratórias que lhes conferia status social.

² Preferi adotar essa divisão básica que acredito fundamentar outras subdivisões no interior de Letras.

Os protagonistas machadianos, Brás Cubas, o Conselheiro Aires e o próprio Bentinho são exemplares de uma sociedade que valorizava sobremaneira o trabalho intelectual. Escobar, diferentemente, concilia sua profissão de advogado com práticas esportivas emergentes da época, como o caso dos banhos de mar, expondo seu físico moldado pelo exercício das braçadas.

O até então pretigioso homem das letras perde espaço e tal transformação se evidencia em um poema de Ana Amélia de Mendonça feito para seu futuro marido Marcos Carneiro de Mendonça. Nos versos, a poetisa carioca canta todo seu encantamento com o porte atlético do, então, goleiro do Fluminense: “Ao ver-te hoje saltar para um torneio atlético/ sereno, forte, audaz como um vulto da Ilíada/ todo meu ser vibrou num ímpeto frenético” (apud Pedrosa, 1967, 109). O apolíneo Marcos de Mendonça fisicamente em nada faz lembrar o típico intelectual, sério e cercado de livros em seu escritório ou biblioteca particular. Esse tipo ideal que durante tanto tempo serviu de modelo à sociedade, como aponta Nicolau Sevchenko, foi gradativamente sendo substituído pela figura do *sportman* caracterizado pela vestimenta leve e pelo corpo em movimento:

As roupas se tornam mais leves, mais adequadas à movimentação ágil do corpo, assumindo inspirações suscitadas em parte pelos fardamentos militares, em parte pelos trajes esportivos. Os rapazes raspam barbas e bigodes, aparam o cabelo rente, frisado a fixador, trocam o bordão pela gravata, o patacão pelo relógio de pulso, o ‘pincez-nez’ pelos óculos de aro, a casaca pelo ‘pullover’, o chapéu pelo boné automobilístico ou de caça. No lazer, eles não relutam em usar ‘short’ com meias três-quartos, o ‘swater’ de mangas curtas e a cabeça gloriosamente descoberta, expondo o rosto ao frescor do vento e aos raios bronzeados do sol. Isso quando não exibiam a seminudez hirsuta nos trajes sumários de banho, usados tanto para a natação quanto, mais atrevidamente, no próprio remo das canoas pelos rios da cidade, provocando o arrepio das famílias (1992, 49).

Porém, ao contrário do que se podia imaginar, muitos literatos se mostraram entusiastas das práticas esportivas, principalmente porque enxergavam nelas um veículo de “construção de nação sadia e forte” (Pereira, 216). Coelho Neto, o príncipe dos poetas – eleito em votação popular –, dono de uma prosa rebuscada bem ao estilo parnasiano, não escondia sua paixão pelo futebol, especialmente o time do Fluminense. O escritor foi um dos mais ardorosos defensores dos esportes, a ponto de se transformar em um nome conhecido dos esportistas, sendo o orador oficial de importantes torneios dentre os quais o sul-americano de futebol em 1919. Desse mesmo entusiasmo compartilhavam outros

literatos – como, por exemplo, Olavo Bilac –, que também não deixaram de ver com bons olhos os possíveis benefícios concedidos pelo esporte à formação das futuras gerações de brasileiros.³

A boa receptividade desses representativos escritores da época poderia sinalizar para uma futura parceria entre as letras e os esportes. Porém tais escritores, principalmente Coelho Neto, o mais entusiasta de todos, foram praticamente esquecidos após o Modernismo que os transformaram em símbolo de uma geração considerada velha e ultrapassada. O Modernismo, no Brasil, por sua vez, embora tenha sido guiado pela ideia de mobilidade e modernidade, em termos quantitativos, não incorporou os esportes como temática relevante na sua produção literária. Ao contrário, em *Macunaíma*, um dos marcos desse movimento no Brasil, o futebol, por exemplo, é considerado uma das três pragas que assola o país juntamente com o bicho do café e a lagarta rosada. Como será visto adiante, Mário de Andrade se renderá à beleza estética do futebol, porém, um dos articuladores do movimento modernista nacional, não fará dele – e de nenhum esporte – tema relevante de suas pesquisas e de seu legado artístico. Não é de se admirar que esportes e Letras, sobretudo a área concernente ao estudo da literatura, pareçam pertencer a universos diferentes e inconciliáveis.

Tal imagem é de se lamentar principalmente se lembrarmos que foi em Letras que se realizou uma das primeiras pesquisas acadêmicas sobre o esporte. Ivan Cavalcanti Proença, o pioneiro em questão, defendeu no programa de Pós-graduação em Poética da UFRJ, a tese *Futebol e palavra* posteriormente editada em livro, em cuja introdução o autor confessa que seu objeto de estudo demorou a ser aceito como tese porque era “ínedito em teses oficiais e porque, principalmente, não era considerado ‘mui digno’ como tema de tais eventos” (Proença, 1981, xv). Pretendo explorar essa consideração, verificando possíveis alterações nesse quadro, enfocando um campo específico na ampla área abarcada por Letras no Brasil: os estudos da literatura. São vários os motivos que me levam a fazer tal escolha. Em primeiro lugar, trata-se da área que marca minha trajetória acadêmica e aquela que,

³ Sobre esse aspecto ver Leonardo Affonso de Miranda Pereira. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro- 1902- 1938*. RJ: Nova Fronteira, 2000 e “O jogo dos sentidos: Os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro” In: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Miranda (orgs). *A História Contada: capítulos de história social da Literatura no Brasil*. RJ: Nova Fronteira, 1998, p. 195-6.

dentro de Letras, particularmente acredito ser a que mais apresenta resistência à incorporação do esporte como objeto de estudo. A mais resistente, porém aquela que pode não apenas representar um campo de férteis contribuições para as pesquisas sobre esporte, assim como aquela que mais pode se beneficiar ao admitir de modo sistemático tais pesquisas.

Letras e esporte, no Brasil: um panorama.

Antes de nos fixarmos na área literária, é importante elencar algumas contribuições de Letras, relacionadas ao estudo da linguagem, dada a sua relevância e precocidade. Para tanto será conferida ênfase aos estudos que tenham sido editados em livros. É válido, portanto, mencionar a dissertação de Maria do Carmo Fernandez defendida em 1974 no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC-RJ, intitulada *A Língua em Jogo: futebol x imprensa*, que no mesmo ano foi publicada sob o título *Futebol - fenômeno linguístico*. Seguindo essa linha de pesquisa, destaca-se pela produtividade o nome de Luiz César Saraiva Feijó que desde 1965, com seu pequeno artigo “Aspectos da gíria no futebol”⁴, vem pesquisando questões relativas ao tipo de linguagem usada nesse esporte. Em 1994, já como professor de linguística da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, publicou o livro *A linguagem dos esportes de massa e a gíria no futebol*, em 2002 editou *Balançando o véu da noiva. A dramática linguagem figurada do futebol* e, em 2006, o *Dicionário Futebolês-Português*.⁵ Nessa cronologia é interessante perceber que Letras, por intermédio dos estudos da linguagem, mostrou-se um dos campos precursores no que diz respeito a abrigar os esportes como temática passível de ser explorada em pesquisas acadêmicas.

Já os estudos da literatura abriram as portas aos esportes somente no início da década de 1980 através de Ivan Cavalcanti Proença com seu acima mencionado *Palavra e futebol*. Tal demora nos chama a atenção, pois trata-se de uma área que tem como objeto privilegiado a literatura, manifestação que, no Brasil, fez dos esportes – sobretudo o futebol – tema de contos, crônicas, poemas e romances. Porém, a distância entre os estudos da

⁴ Esse artigo foi publicado na *Miscelânea filológica em honra à memória do professor Clóvis Monteiro*. Rio de Janeiro, Editora do Professor, 1965.

⁵ Luiz César Feijó mantém um blog sobre a questão da linguagem do futebol: <http://www.alinguagemdabola.com.br/>

literatura e os esporte pode ser explicada, inicialmente, a partir de um fator que é de fundamental importância: grande parte da produção *canônica* nacional não fez do esporte – em especial o futebol – matéria literária. Ora, os textos escritos pelos grandes autores do país formam o material de análise sobre o qual se debruça uma ampla maioria dos pesquisadores de Letras e se nesse material o esporte é pouco mencionado, sem dúvida esse detalhe contribui, e muito, para que essa área tenha dificuldade em incorporá-lo como objeto de pesquisa. Embora em *Dom Casmurro* a prática esportiva tenha desempenhado um papel estratégico e fundamental na fomentação do ciúme doentio de Bentinho, Machado de Assis, aquele que é considerado o maior escritor da história da literatura nacional, raramente fez alusão às práticas esportivas em sua vasta produção ficcional.⁶ É certo que nos últimos anos é notável o aumento do aproveitamento do esporte como matéria literária. São inúmeros os contos que tematizam alguma modalidade – em sua imensa maioria, o futebol – mas em termos de romance completo, ainda devemos a José Lins do Rego e seu *Água-mãe*, de 1941, o exemplo mais bem acabado, vindo de um autor de relevância na história da literatura nacional.⁷

Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e tantos outros nomes importantes do cenário literário não aproveitaram os esportes em sua produção. Como agravante desse quadro é de se lamentar que Graciliano Ramos, um dos melhores escritores da história da literatura nacional, em seu único texto a respeito do futebol tenha traçado um painel tão desfavorável e pessimista em torno desse esporte.⁸ Já Lima Barreto outro respeitado e valorizado escritor deixou como herança crônicas repletas de críticas negativas lançadas também contra o futebol, chegando mesmo a criar a “liga contra o foot-ball”⁹ tamanho horror demonstrava por esse jogo. Ou seja, dois representativos e cultuados autores cuja relação conflituosa com os esportes, demonstrada em certos escritos, reforça a ainda persistente opinião em Letras de que tais

⁶ Machado de Assis possui algumas crônicas em que faz referência a práticas esportivas, porém em sua produção propriamente literária, os esportes estão praticamente ausentes.

⁷ É importante frisar que o futebol aparece em *Água mãe* por intermédio de Joca, um de seus principais personagens. Porém, esse esporte não se configura como a temática central do romance, embora seja bem tematizado ao longo de suas páginas.

⁸ O referido texto é “Traços a esmo” que faz parte da obra póstuma *Linhas tortas*. Rio de Janeiro: Editora Martins, 1962. A crônica foi publicada originalmente em *O índio*, Palmeiras dos Índios, Alagoas, 1921, sob o pseudônimo J. Calisto.

manifestações não são dignas de serem tratadas, como já havia lamentado Ivan Cavalcanti Proença. Porém, nos últimos anos essa posição tem cada vez mais se enfraquecido e uma das sinalizações desse fato é a qualidade de algumas recentes produções de pesquisadores da área de Letras. Vale destacar nesse cenário os livros de Marcelino Rodrigues da Silva, de Hans Ulrich Gumbrecht e a recente e ambiciosa obra de José Miguel Wisnik.

O primeiro é autor de *Mil e uma noites de futebol*, que é a versão de tese homônima defendida na pós-graduação em Letras, do departamento de Literatura Comparada, da UFMG. Trata-se de uma pesquisa que enfoca o discurso do jornalismo esportivo na primeira metade do século XX, atentando para sua configuração como “um campo de disputa pela atribuição de sentidos ao jogo de futebol” (2006, 30), enfatizando para tanto o papel desempenhado nesse processo pelo jornalista Mário Filho. Cabe ressaltar a cuidadosa e original leitura de um dos principais livros da história do futebol que é *O negro no futebol*, que Marcelino¹⁰ interpretou, de modo convincente, como sendo uma obra que se insere na linhagem memorialística. Tal tipo de literatura, cujo principal nome no país é Pedro Nava, caracteriza-se pelo esforço em “reconstruir e presentificar o passado e, ao mesmo tempo, quer também interpretá-lo, dar a ele um sentido e uma unidade” (id, 189). Unidade, entretanto, que a narrativa não consegue conferir dada a complexidade e heterogeneidade do passado. No caso de *O negro no futebol*, essa impossibilidade é um dos fatores responsáveis por sua estrutura pouco homogênea, por vezes ambígua e cheia de idas e vindas. Tal proposta interpretativa se mostra diferenciada pelo fato de Marcelino ter buscado analisar as especificidades textuais da escrita de Mário de Filho, possibilidade aberta pela própria natureza híbrida de *O negro*, transitando entre a história e a literatura.

Também é a Letras, especificamente do departamento de Literatura Comparada da Universidade de Stanford, que pertence um dos teóricos que mais tem se dedicado a pensar os esportes na contemporaneidade. Faço referência a Hans Ulrich Gumbrecht que busca compreender as práticas esportivas como manifestações que apontam para o surgimento de

⁹ Tratava-se de um agrupamento de médicos, jornalista e literatos que tinham como objetivo principal alertar sobre as excessivas e prejudiciais manifestações de entusiasmo direcionadas ao futebol.

¹⁰ Marcelino Rodrigues da Silva desenvolve projeto de pós-doutorado, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, intitulado “A construção discursiva da rivalidade entre Atlético e Cruzeiro”.

novos “locais sociais da beleza” (*Folha de São Paulo*, 11/03/2001)¹¹, o que significa dizer que a dimensão estética dos esportes modernos precisa ser levada em conta para se explicar o fato de tais modalidades ocuparem um lugar central na sociedade atual, sendo capazes de capitalizar a atenção de um público cada vez maior. Tal proposta foi repetidas vezes exposta em artigos publicados em jornais e em seminários internacionais e finalmente editada sob o título *In Praise of Athletic Beauty*, em 2005, sendo publicado no Brasil, em 2006, como *Elogio da beleza atlética*. Partindo de um forte diálogo com a filosofia e demonstrando uma incrível erudição, Gumbrecht – que, nacionalmente, é um respeitadíssimo teórico da literatura –, nos ofereceu um estudo passível de vários desdobramentos críticos.¹²

Também a Letras pertence José Miguel Wisnik, professor de Literatura Brasileira da USP, autor de uma das mais completas tentativas de interpretação do futebol no Brasil. *Veneno remédio*, publicado em 2008, é uma obra de fôlego, de uma escrita impecável e sedutora, na qual o autor, a partir de questões provocadas pelo futebol, dialogou com os mais destacados intérpretes do país como Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda. Uma das principais propostas de Wisnik foi inspirada em algumas reflexões do cineasta Pier Paolo Pasolini¹³ e consiste em identificar o futebol como uma forma de linguagem, o que aponta para a possibilidade de se pensar esse esporte como um evento “que comporta muitos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e opostos e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo (2008, 14). Dada a sua natureza narrativa, segundo o autor, é que ele se torna aberto a várias representações e interpretações que, por sua vez, contribuem para fazer desse jogo, o mais popular do mundo.

Tais produções¹⁴, resumidamente descritas, são um ótimo incentivo para uma maior abertura da área dos estudos da literatura – e de Letras como um todo – para a temática esportiva, o que tem cada vez mais se viabilizado, pois nos últimos anos esse espaço acadêmico costuma fazer uso de um arcabouço teórico interdisciplinar, de modo

¹¹ “A forma da violência. A experiência estética no esporte.” Mais! *Folha de São Paulo*, 11 de março de 2001.

¹² Sobre esse assunto ver Arlei Sander Damo. Senso de Jogo. *Esporte e Sociedade*, número 1, Nov2005/Fev2006. Disponível em www.esportesociedade.com

¹³ A esse respeito ver “O gol fatal” publicado na *Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, 06/03/2005.

sistemático, sobretudo pela influência dos estudos culturais que trouxeram novas perspectivas de abordagem do fenômeno literário. Esse caráter interdisciplinar abre caminho para que pesquisas sobre o esporte sejam desenvolvidas nesse âmbito acadêmico que aos poucos tem renovado as formas de compreensão da literatura enquanto fenômeno que precisa ser observado em diálogo com outras manifestações culturais. A área de Literatura Comparada, nesse contexto, é representativa dessa tendência já que se constitui como uma forma específica de interrogar os textos literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística (Carvalho, 1997). Seguindo esse norte e buscando inspiração no trabalho dos autores mencionados, serão elencadas, de modo breve, possíveis contribuições da área de Letras para as pesquisas do esporte.

Perspectivas de abordagens

Como proposta inicial é possível de imediato vislumbrarmos a viabilidade de pesquisas que visem mapear as produções literárias que tiveram o esporte como tema seja de modo secundário ou principal. Parte dessa proposta já está sendo colocada em prática pelo professor da Universidade Federal da Paraíba, Edônio Alves do Nascimento, que desenvolve pesquisa no programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com objetivo de traçar um panorama dos contos que tenham tematizado o futebol no Brasil. Observando os resultados preliminares é interessante perceber que ao contrário do que se costuma pensar, a produção literária não negligenciou os esportes, especialmente aquele que é o mais popular do país, o futebol. Dados iniciais fornecidos pelo autor dão conta de mais de 50 diferentes escritores que fizeram do futebol matéria poética.¹⁵ Trata-se de uma quantidade nada desprezível, o que nos mostra que a literatura brasileira tem se consolidado como mais uma fonte de diálogo possível para os estudos do esporte. Tal crescimento da produção certamente é um fenômeno novo, pois se

¹⁴ O professor Flávio Carneiro, do Instituto de Letras da UERJ, recentemente publicou *Passe de Letra*. Futebol e literatura. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. Tal livro é uma compilação de crônicas que abordam questões do futebol e da literatura, escritas pelo professor e publicadas na coluna Passe de Letras do jornal *Rascunho* de Curitiba.

folhearmos o pioneiro *Gol de Letra – o futebol na literatura brasileira*, de Milton Pedrosa, publicado em 1967, observaremos a pouca referência aos contos e aos romances.¹⁶

Nos últimos anos, porém, é possível verificar a edição de várias coleções de contos e até mesmo alguns romances em que o esporte ocupa lugar central.¹⁷ Porém um problema persiste: ainda não temos um romance que dê centralidade ao esporte e que tenha sido escrito por um autor de destacada produção. *Água-mãe*, de José Lins do Rego, continua a ser a mais relevante obra romanesca que deu destaque ao esporte, especificamente o futebol. No que diz respeito aos contos, esse problema é minimizado, porém se pegarmos autores importantes do gênero, como Sérgio Santana e Rubem Braga, é preciso reconhecer que a temática esportiva ocupa um espaço pequeno no conjunto de suas obras. Como já foi dito, essa pouca tematização esportiva, por parte dos mais importantes e consagrados autores nacionais, sem dúvida, é um dos empecilhos para a consolidação do diálogo entre Letras e os estudos do esporte. E para fomentar ainda mais esse diálogo, seria muito bem vindo um trabalho que visasse nos oferecer uma leitura acurada justamente de *Água-mãe*, que apesar de ter sido lançado na década de 1940, ainda não foi alvo de um estudo mais completo.

Por outro lado, é necessário que se frise que seria um exagero afirmarmos que os esportes não estão presentes na produção literária nacional. Na verdade, o que ocorre é que os esportes estão quase que ausentes da produção *canônica* nacional. De qualquer modo, é precisamente em Letras que seria viável e desejável uma investigação que visasse buscar respostas que expliquem essa lacuna. Porém tal esforço não basta, pois também é necessário ultrapassarmos a questão do cânone literário e, desse modo, trabalharmos com um horizonte mais amplo de literatura, pois assim teremos uma ótima oportunidade de analisarmos uma produção heterogênea, de autores novos, e que tem nos oferecido interessantes perspectivas de representação do esporte. O próprio acréscimo desse tipo de produção literária que aborda os esportes é fenômeno que merece atenção e pode ser

¹⁵ Esses dados serão futuramente publicados com mais detalhe na tese de Doutorado, de Edônio Alves, a ser defendida no programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

¹⁶ O livro de Milton Pedrosa é composto em sua ampla maioria por crônicas, havendo referência a apenas 5 contos a respeito do futebol.

¹⁷ Em relação aos romances podemos citar: Clara Arreguy. *Segunda divisão*. Lamparina, 2005 e Dimmi Amora. *Cartão vermelho*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

reveladora de mudanças tanto no cenário literário e editorial quanto esportivo. Todas são questões que poderiam ser investigadas em Letras.

Uma outra proposta diz respeito ao desenvolvimento de pesquisas que investiguem as manifestações literárias e artísticas que focalizaram os esportes, partindo de uma análise mais detalhada das obras, o que incluiria as questões de estilo e de filiação do autor a determinada escola. Tal perspectiva é importante para uma melhor compreensão dos modos pelos quais os esportes foram representados em determinadas obras literárias. Um bom exemplo dessa tentativa é o livro de José Carlos Marques, *O futebol em Nelson Rodrigues*, no qual o autor buscou traçar a concepção de futebol presente nas crônicas de Nelson Rodrigues, a partir de certas especificidades da escrita rodrigueana, que segundo José Carlos se caracterizaria pela estética neobarroca, responsável, por exemplo, pelo apego de Nelson às dimensões hiperbólicas do futebol. Embora a formação de pós-graduação de José Carlos seja na área de Comunicação, sua graduação foi em Letras, um detalhe bastante significativo que evidencia a presença de um arsenal teórico próprio dessa área usado nesse esforço interpretativo da crônica rodrigueana.

Outra possibilidade de abordagem refere-se a trabalhos que tivessem como objetivo desdobrar uma questão interessante iniciada pelo historiador Bernardo Buarque de Holanda que no seu *O descobrimento do futebol* visou encontrar a especificidade da “relação modernista entre futebol e a identidade brasileira” (2004, 37) delineada nas crônicas de José Lins do Rego. Assim como no caso do escritor pernambucano, a influência dos modernistas ecoa na produção de um dos mais importantes nomes da história do esporte, especialmente o futebol, que é Mário Filho. Em sua fértil escrita de crônicas e livros, as inovações de linguagem, das técnicas narrativas, introduzidas pelo modernismo, estão presentes e à espera de uma análise mais detida. A oralidade, o caráter cênico, o diálogo com as artes plásticas também são questões trazidas pelo modernismo e que se fazem notar na trajetória de Mário, tanto em sua função de jornalista quanto de escritor. Portanto, uma pesquisa que tivesse como objetivo investigar a relação entre modernismo e a produção de Mário Filho, poderia ser plenamente desenvolvida no âmbito de Letras, espaço acadêmico no qual esse movimento artístico é um assunto consagrado e objeto de inúmeros estudos.

Também foi no modernismo que se abriu caminho para que os esportes se transformassem em objetos de apreciação estética, afinal se ele não fez dos esportes tema relevante, é preciso ressaltar que nesse período, de vertente vanguardista, tornou-se possível a ampliação do sentido do belo e conseqüentemente da possibilidade de Mário de Andrade, por exemplo, denominar, em 1939, o futebol como “um bailado mirífico” enfatizando a plasticidade das jogadas: “Eu é que já estava longe, me refugiando na arte. Que coisa lindíssima, que bailado mirífico um jogo de futebol! (...) pra gozo dos meus olhos, aqueles hugoanos contrastes” (apud Pedrosa, 1967, 184). É também inserido nessa atmosfera do pensamento modernista que Gilberto Freyre escreveu o pequeno, mas importantíssimo artigo “Football Mulato”¹⁸, traçando as linhas para a concepção futura de futebol-arte tão cara a imagem e autoimagem futebolística nacional. Lançar esse olhar estetizante aos esportes somente se torna possível, graças as vanguardas europeias e de nomes como o de Apollinaire e sua tentativa de fazer da Torre Eiffel algo digno de ser considerado como objeto artístico. Tendência seguida de perto por Oswald de Andrade que iniciou o Manifesto da poesia Pau-Brasil afirmando que “A poesia existe nos fatos” (apud Teles, 1983, 326).

A possibilidade de ver em um jogo a beleza plástica próxima à arte, se insere na insistente tentativa modernista de atribuir novos significados ao fazer artístico, incorporando, para isso, a paisagem do cotidiano. A dimensão estética dos esportes é questão que nos últimos anos vem ganhando força dentro e fora do Brasil. Como já foi mencionado, destaca-se nesse cenário o nome do teórico da literatura, Hans Ulrich Gumbrecht. Em um país onde o mais popular dos esportes é constantemente elevado à categoria de arte, seria interessante aprofundarmos a importância da dimensão estética como mediadora entre público e espetáculo esportivo. Por ser uma área acostumada a trabalhar com questões relativas à natureza da arte, fazendo uso, sobretudo da filosofia, Letras

¹⁸ “Football Mulato” foi publicado no *Diário de Pernambuco* em 1938. A interpretação de Freyre teve como estímulo o jogo Brasil X Tchecoslováquia em que a seleção nacional conseguiu a façanha de vencer os respeitadas vice-campeões mundiais de 1934. Como sociólogo, Freyre conseguiu traduzir em termos culturalistas a dicotomia futebol europeu X futebol brasileiro, que já era mencionada em parte da imprensa esportiva nacional. Fazendo uso da classificação de Ruth Benedict, assim como fazendo referência a Nietzsche, Freyre conclui que: “psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo – para usarmos com alguma pedanteria a classificação de Benedict – e dionisíaco a seu jeito – o grande jeito mulato” (1957, 432).

poderia abrigar pesquisas que tivessem como objetivo levar adiante os questionamentos a respeito da relação entre os esportes e a artes.

Como pode ser visto, são várias as possibilidades de se intensificar um diálogo fértil entre Letras e os estudos do esporte. Porém aquela que reputo a que mais pode contribuir para um avanço nesse diálogo interdisciplinar refere-se à investigação do vínculo entre narrativa e esporte. Como maneira de exemplificar essa hipótese me fixarei na narrativa esportiva produzida pela imprensa a respeito do futebol.

Um horizonte possível: os narradores do futebol

Em certa medida, Walter Benjamin exagerou ao afirmar que “a arte de narrar está em vias de extinção” (1987, 197) e que a imprensa, por privilegiar a informação, seria uma das grandes responsáveis por esse fenômeno. Talvez se o pensador alemão nos fosse contemporâneo, vislumbrasse na imprensa novas formas de comunicação em que a narrativa não estivesse completamente apagada. Afinal tem sido cada vez mais comum que a imprensa narrativize os fatos, fazendo da vida real uma história emocionante, muitas vezes, dramática, mas que de qualquer modo busca avidamente alimentar as expectativas e a emoção dos leitores. No caso específico do futebol, é através do recurso à narrativa e a técnicas ficcionais que esse esporte é convertido em história e que dependendo da habilidade de seu narrador pode perpetuar-se na memória individual e coletiva. Esse processo de narrativização do futebol, empreendido, sobretudo pela imprensa esportiva, relaciona-se não apenas ao simples objetivo de contar histórias pelo prazer de entreter os leitores, mas a objetivos claramente mercadológicos. Certamente nesse aspecto Walter Benjamin teceria críticas e condenações, porém talvez não negasse que a imprensa – especialmente a esportiva – é um bom exemplo de como a arte de narrar adquiriu novos significados, mas não se extinguiu como ele imaginava.

É no jornalismo esportivo, por exemplo, que é possível encontrarmos alguém que encarnou os fortes traços daquele típico narrador ao qual Walter Benjamin fazia referência. Trata-se de Mário Filho que embora possa de fato não ter sido o inventor do jornalismo

esportivo¹⁹ foi um dos principais responsáveis por importantes transformações nessa modalidade e sua consequente consolidação como um indispensável mediador entre futebol e público, sendo ferramenta para a conversão desse esporte em um espetáculo que cativa milhões de espectadores e torcedores. Se segundo Benjamin “metade da arte narrativa está em evitar explicações” (1996, 203), essa metade Mário Filho parecia dominar. O jornalista constantemente se contentava em narrar os acontecimentos e quando buscava explicações, freqüentemente, se atinha ao nível simbólico.²⁰

Esse apego ao simbólico se estende até mesmo à sua obra *O negro no futebol*, que tinha pretensões historiográficas. O sociólogo Gilson Gil chamou a atenção para o privilégio dado por Mário Filho para aquilo que o sociólogo denominou de “historietas”, ou seja, o “recurso a histórias de vida, casos pitorescos e lembranças (...) Elas ilustram o caráter oral de grande parte de sua metodologia” (1997, 9). Frases de efeito, destaque ao caráter cênico das descrições, ênfase em aspectos dramáticos de certos acontecimentos, a inserção de detalhes, muitas vezes pitorescos, na descrição de determinados jogadores, dirigentes etc, são técnicas narrativas comumente usadas por Mário Filho. Técnicas perceptíveis em sua atividade de jornalista e cronista, pois a narrativização dos fatos sempre marcou sua trajetória no jornalismo esportivo, sendo extremamente importante no papel desempenhado por Mário na reformulação e posterior consolidação dessa modalidade.

Em 1931, quando assumiu a página de esportes de *O Globo*, Mário Filho promoveu importantes mudanças no estilo editorial dessa seção, que abrangiam os métodos de investigação, diagramação, o nível da linguagem e os recursos de representação utilizados (Silva, 2006, 118). Nas reportagens produzidas por suas equipes destacava-se o conteúdo claramente narrativizado e as matérias dramatizadas capazes de converter

¹⁹ No texto “O homem fluvial” Nelson Rodrigues comenta que antes de seu irmão, Mário Filho, os jornais não davam atenção ao futebol que, assim como todos os esportes, “vivia empurrado, escorraçado para um canto de página” (1994, 8). Entretanto, José Renato de Campos Araújo, em seu livro *Imigração e futebol*, contraria a hipótese de que Mário Filho tenha sido o precursor de um tipo de jornalismo esportivo que não se limitava a dar a notícia, mas que acompanhava o dia-a-dia do futebol, dos times e dos jogadores, fazendo uma cobertura mais completa e participativa. Segundo José Renato, em São Paulo, já na década de 1910, era possível encontrar matérias que ultrapassavam “uma cobertura passiva, não publicando apenas informações sobre os preparativos, mas comentando a escalação, realizando campanhas pela escalação de alguns jogadores que foram preteridos e novamente efetuando uma enquete com os leitores para saber qual o time que o povo desejava, além de publicar estatísticas sobre os confrontos entre Rio e São Paulo (2000, 37).

²⁰ Esse aspecto é bastante evidente em seu livro *Histórias do Flamengo* em que Mário tenta traçar o percurso que conduz o Flamengo ao posto de “mais querido do Brasil”. Os motivos de tal título são quase sempre cercados de metáforas e

jogadores em ídolos elevando-os acima da média humana, mas também capazes de humanizá-los trazendo a público sua trajetória de vida, frequentemente representada como sofrida e cercada de obstáculos. O caso Leônidas da Silva é exemplar nesse aspecto, pois grande parte da aura mítica e polêmica do craque foi tecida com auxílio de Mário Filho e sua equipe de *O Globo* que “começou a seguir seus paços sem descanso, comentando suas atuações colhendo sua opinião sobre os mais diversos assuntos e colocando sistematicamente seu nome nas manchetes e nos títulos das matérias (...)” (id, 127).

José Lins do Rego, em resenha a *Romance do football*, não deixou de ressaltar em Mário Filho as qualidades de um grande “romancista que sabe arrancar da realidade as suas seivas vitais” (*JS*, 7/01/1950). Entretanto denominar Mário de romancista não significa que Zé Lins o estivesse interpretando como alguém que inventava relatos, mas sim como um autor que lhes dava uma roupagem mais interessante: “Os homens de Mário filho (...) são criaturas que nos interessam, e nos comovem” (*JS*, 7/01/1950). E, sem dúvida, essa técnica parece ser indissociável da trajetória de seu autor que como jornalista, já chegou a firmar que não se “limitava a publicar a notícia”, mas preocupava-se em “criar a notícia” (*Jornal do Brasil*, 17/09/1966). E ao que parece, o jornalismo esportivo continua a pautar-se por essa máxima, o que não significa afirmar que ele divulgue mentiras, mas que, muitas vezes, o jornalista assume o papel de um narrador, selecionando fatos, desenhando personagens com o objetivo principal de captação e ampliação do público leitor e consumidor. Sua narrativa pode assumir diferentes feições configurando-se ora como épica, ora melodramática ou trágica, sendo que a emoção sempre será ingrediente vital das histórias derivadas do futebol e que no dia seguinte inundarão as principais páginas esportivas do país.

A tendência à narrativização dos acontecimentos é perceptível de um modo geral na produção jornalística que como já apontou Sônia Lanza:

se pauta na tentativa de explicar a realidade, ou seja, procura ocorrências fora do fato em si, mas não somente uma preocupação em transmitir o acontecimento, mas construí-lo, muitas vezes, de maneira a transformar a notícia em espetáculo para chamar a atenção do leitor (2008, 93).

creditados a explicações que enfatizavam aspectos como a mística da camisa rubro-negra: “Bastava-lhe a camisa. Onze paus de vassoras com camisas do Flamengo seriam irresistíveis” (1966, 21).

Esse fenômeno também é notável na imprensa esportiva que costuma apresentar “traços de uma narrativa pseudolitrária na medida em que utiliza um enredo e cria uma trama que relaciona os personagens numa história. Mas não é uma narrativa literária qualquer: utiliza acima de tudo a verossimilhança” (Motta, 314, 2002). São várias as reportagens cuja estrutura narrativa se assemelha às usadas na teledramaturgia, em romances policiais e tantas outras formas literárias. Porém, isso não significa dizer que tais notícias podem ser compreendidas como ficções em seu sentido estrito, já que a imprensa não pode criar histórias desvinculadas de fatos concretos e minimamente passíveis de comprovação. Quando se afirma que o jornalismo esportivo faz uso de estratégias literárias, se deseja enfatizar que na escrita da notícia lança-se mão de recursos narrativos próximos aos utilizados na literatura.

É necessário, portanto, nos fixarmos na questão narrativa, ou seja, na técnica de se contar uma história, selecionando fatos e personagens, inserindo-os no tempo e no espaço. Nesse sentido, vale lembrar que a narrativa exerce função fundamental, pois é “um meio de excelência de formulação da realidade, o narrador não é um ornamento senão que um legislador, no sentido estrito de alguém que legisla sobre um material, i.e, que dele seleciona o que é relevante do que não o é” (Lima, 1991, 142). Essa legislação, no caso do jornalismo, assume algumas importantes especificidades afinal esse tipo de discurso, como bem lembra Edson Gastaldo, estipula:

dois ‘contratos enunciativos’, um ‘contrato de autenticidade’, segundo o qual os eventos relatados devem ser ‘fiéis’ à realidade (e em caso de crônicas e opiniões devem ser objetivas) e um ‘contrato de seriedade’ (...) que liga o sujeito informador (o jornalista) a uma obrigação de transmissão das informações” importante lembrarmos que o discurso jornalístico “tem característica que fazem dele uma das maiores fontes de definição da realidade em nossa sociedade”(2006, 17).

Portanto, diferentemente do que ocorre com a literatura, ao lermos uma matéria partimos do pressuposto de tratar-se de um relato que de modo fidedigno nos dá acesso aos fatos reais do cotidiano.²¹ Porém, no caso específico do jornalismo esportivo, o que se pode perceber é o constante investimento narrativo que visa antes de tudo cativar a atenção do espectador. Se o compromisso da imprensa esportiva fosse apenas com a objetividade dos

fatos certamente não teríamos manchetes como aquela que estampou a primeira página do jornal *O Dia*, logo após a conquista do tetracampeonato conquistado pela seleção, em 1994: “Deus é brasileiro e ouviu os apelos de um outro tricampeão que acelerava lá em cima. Senna, o tetra é nosso” (18/07/1994). A clara tentativa de atingir em cheio o leitor pelos “tentáculos da emoção” (Ramos, 124, 2001) recorrendo à imagem do ídolo recentemente morto em acidente trágico, evidencia tratar-se de um discurso que mora longe da objetividade e neutralidade, princípios pelos quais o jornalismo afirma pautar-se. Certamente que os recursos de captação da atenção do público leitor podem variar dependendo da linha editorial, porém mesmo os jornais considerados mais sérios não escapam à tentação do espetáculo. Na edição do dia seguinte à conquista do pentacampeonato da seleção brasileira, o jornal *O Globo* teve como manchete principal algo próximo a um jingle de propaganda: “Todo mundo tenta, mas... só o Brasil é penta” (30/11/2009).

Como já apontou Heródoto Barbeiro no “jornalismo esportivo entretenimento e informação estão muito próximos como em nenhuma outra área do jornalismo” (2006, 46) e essa proximidade é articulada por necessidades mercadológicas de conquista de um público massivo. A ética jornalista pode se ver ameaçada diante de tal imperativo, já que muitas vezes a imprensa demonstra estar preocupada não apenas em informar ou exercer um sadio papel crítico, mas em criar polêmicas, expectativas, fazendo da cobertura esportiva algo próximo às novelas, repleta de estratégias que visam por fogo nas emoções do leitor (consumidor). E o público receptor, por sua vez, mostra-se ávido por esse tipo de conteúdo, afinal, nada mais equivocado do que imaginar que nossa relação com a imprensa esportiva seja baseada em uma via de mão única. Grande parte da cobertura da imprensa esportiva é respaldada pelos receptores de suas mensagens, o que significa dizer que muito do que ela produz responde a nossas próprias expectativas: “se a imprensa esportiva sem dúvida cria o seu público, ela não o faz por um ato de magia, mas catalisando de modo eficiente os temas que interessam a ele” (Lopes, 1994 *apud* Guedes, 1998:47). Sendo assim, a relação imprensa, espetáculo esportivo e público precisa ser pensada em termos de

²¹ É preciso salientar, entretanto, que o acesso a realidade nunca se dá de modo direto mas sempre intermediado pela linguagem.

circularidade e não em termos de manipulação, pois “mídia, público, ídolos, fãs, indivíduos anônimos e celebridades, artista e audiência (...) coexistem dentro de um universo integrado onde uma parte não faz sentido sem a outra” (Helal, 2001, 151).

A investigação das estratégias narrativas e, portanto, literárias, usadas pela imprensa representa um campo ainda a ser explorado. A “falação esportiva” (Eco, 1984, 22), ou seja, o esporte transformado em discurso tem se mostrado tão importante quanto o esporte praticado nas quadras, nos campos, onde quer que seja. Tudo que se fala e se escreve sobre os esportes – especialmente o futebol – é parte indispensável da máquina que faz girar o mundo dos espetáculos esportivos. A estrutura concreta e simbólica dos esportes espetacularizados é complexa e envolve a interação de diferentes elementos através dos quais é possível produzir e pôr em circulação uma gama de significados e emoções. Uma estrutura da qual participam jogadores profissionais, torcedores aficionados, clubes com estrutura administrativa estável e profissionais especializados como comentaristas, locutores e jornalistas (Damo, 2006, 45).

A interação desses papéis com atuação reconhecida e legitimada viabiliza a geração e amplificação dos sentidos que gravitam pelo universo esportivo e no caso específico do futebol fazem com que uma partida possa ser supercarregada de significados. Esse mecanismo de atribuição de sentidos evidencia a potencialidade que os jogos possuem para comportar aquela “função significante” que Huizinga ressaltou em seu *Homo Ludens* (1980, 25). Essa função nos permite compreender o jogo como um objeto cultural capaz de incorporar uma gama de representações derivadas dos diferentes contextos nos quais ele é praticado. Nesse mecanismo, é preciso ressaltar a ação de um forte e eficiente aparato discursivo capaz de fazer com que uma partida de futebol – e tantos outros eventos esportivos – deixe de ser “apenas um jogo”. E nesse aspecto, o papel dos narradores da imprensa é fundamental. Nos últimos tempos esse papel tem se consolidado graças aos recursos narrativos que auxiliam a imprensa esportiva na construção da notícia. Figuras heróicas, figuras vilânicas, as grandes glórias e as incríveis tragédias futebolísticas que permeiam nossa memória foram construídas com a intervenção da narrativa.

O âmbito acadêmico de Letras, sobretudo os referentes ao estudo da literatura, poderia oferecer excelentes ferramentas teóricas e metodológicas que poderiam auxiliar na

investigação das formas de se narrar os esportes, especialmente as adotadas pela mídia esportiva.

O caminho de volta

Até agora se falou das possíveis contribuições de Letras, especialmente os estudos da literatura, às pesquisas que enfoquem esporte. Cabe agora ressaltar o caminho inverso, ou seja, os novos horizontes que podem ser traçados em Letras a partir do diálogo com os esportes. E é preciso ressaltar que os ganhos são muito importantes e podem representar um valoroso passo na direção de uma renovação de perspectivas teóricas e metodológicas em Letras. No caso específico dos estudos da literatura, o diálogo com os esportes pode significar uma saudável possibilidade de reforçar tendência, já seguida, de se pensar a literatura em consonância com outros fenômenos culturais, incluindo os fenômenos da cultura de massa, como é o caso dos esportes.

É importante frisar que Letras, principalmente os estudos da literatura, no Brasil, costumava demonstrar uma certa aversão a qualquer temática de grande apelo popular. Talvez isso também justifique o fato de Letras ser ainda pouco receptivo ao tema do esporte. Se analisarmos os estudos que enfocam a literatura, rapidamente perceberemos na produção da grande maioria dos pesquisadores, o quase que total desprezo por manifestações literárias de amplo alcance popular. Os chamados bestsellers dificilmente são considerados como objeto digno de menção e estudo detido. Se os leitores diletantes os amam, os especializados os desprezam. A concepção de literatura que permeia grande parte das pesquisas em Letras relaciona-se ao cânone ocidental consolidado ao longo dos séculos. De Homero a Cervantes, de Dostoiévski a James Joyce, assim se configura o caminho mais percorrido pelos estudiosos da área. Caso deseje-se focar a produção nacional então persegue-se a trilha de Machado de Assis, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade e tantos outros autores fundamentais à produção literária do país, mas que jamais se configuraram como escritores populares.

Mas além de a própria produção literária estar, hoje em dia, inserida nos complexos caminhos da cultura contemporânea, novas formas de linguagem tem surgido, muitas das quais ampliando as concepções que se tinha de literatura. Os gêneros literários, por

exemplo, se fazem presentes desde o cinema hollywoodiano até um dramalhão mexicano passado nas Tvs. Os gêneros literários se fazem presentes toda vez que afirmamos que um jogo foi épico, dramático ou trágico. Há novas formas de escrita e novas formas de narrativa que não se manifestam mais através do texto impresso e que não se manifestam somente através dos grandes autores. A incorporação da temática esportiva, sobretudo estudada a partir da questão narrativa, reforça a necessidade de se trabalhar, em Letras, com um sentido mais amplo de literatura que dialogue mais intensamente com outras formas de comunicação como, por exemplo, o jornalismo.

Tal abertura seria muito bem vinda, pois viabilizaria a possibilidade de fazer de Letras um espaço com vocação interdisciplinar e estratégico para o pensamento acerca de importantes questões da cultura contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald. Manifesto da poesia Pau-Brasil. In: Teles, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1983.

ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Globo, 1994.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. *Manual do jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DAMO, Arlei. O ethos capitalista e o espírito das Copas. In: GUEDES, Simoni Lahud; GASTALDO, Edson (org.). *Nações em campo: Copa do mundo e identidade nacional*. Niterói: intertexto, 2006.

ECO, Umberto. A falação esportiva. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FEIJÓ, Luiz Cesar Saraiva. Aspectos da gíria no futebol. In: *Miscelânea filológica em honra à memória do professor Clóvis Monteiro*. Rio de Janeiro, Editora do Professor, 1965.

_____. *A linguagem dos esportes de massa e a gíria no futebol*. Rio de Janeiro, UERJ/Tempo Brasileiro, 1994.

_____. *Balançando o véu da noiva*. Rio, SBL, 2002.

_____. *Dicionário Futebolês-Português*, Rio, Francisco Alves/Lance, 2006.

FERNANDEZ, Maria do Carmo L. de Oliveira. *Futebol - fenômeno lingüístico*. Rio de Janeiro, PUC/Ed. Documentário, 1974.

GUMBRECHT, H.U. É apenas um jogo: história da mídia, esporte e público. In: Rocha, João Cezar de. *Corpo e forma*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

----- . *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GASTALDO, Edson (org.). *Nações em campo: Copa do mundo e identidade nacional*. Niterói: intertexto, 2006.

HELAL, Ronaldo. SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Ed. comemorativa 70 anos. Ricardo Benzaquen de Araújo; Lilia Moritz Schwarcz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LANZA, Sonia Maria. *As narrativas jornalísticas: memória e melodrama no folhetim contemporâneo*. Tese de Doutorado em Comunicação e semiótica, PUC-SP, 2008.

LIMA, Luiz Costa. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade esportiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

PEDROSA, Milton. *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1967.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

RODRIGUES, Nelson. O homem fluvial. In: FILHO, Mário. *O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. Ruy Castro (org. e sel.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. *O orfeu extático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras: 1992.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio*. O futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Recebido em 23 de julho de 2011. Aprovado em 8 de agosto de 2011.